

QUESTÕES E PROBLEMAS

A INSUSTENTÁVEL SERIEDADE DA LEVEZA: UMA ANÁLISE DESCONSTRUTIVISTA DO HUMOR DE J. L. AUSTIN

Kanavillil RAJAGOPALAN (Universidade Estadual de
Campinas)

Fool: If thou wert my fool, nuncle,
I'd have thee beaten for
being old before thy time.
(Shakespeare, King Lear)

1. O fenômeno

O estilo faceto e descontraído de J. L. Austin deixa o leitor sério, no mínimo, perplexo. Para começar, o linguajar coloquial e corriqueiro parece destoar das altas pretensões filosóficas do autor. Valendo-se do próprio estilo 'brincalhão' de que Austin tanto revela gostar, bem se poderia cobrar-lhe falta de seriedade, ou, com um pouco mais de criatividade, dar-lhe o troco (ou ainda, se quiser, pagar-lhe na mesma moeda), perguntando se não estaria ele "brincando em serviço"?

Para tornar o quadro mais complicado ainda, Austin não perde sequer uma única oportunidade para exibir seu inesgotável senso de humor, por vezes irreverente e grosseiro, quando não é - para muitos - cansativo e pecaminoso pelo excesso. Num determinado momento ao longo de suas anotações biográficas, Warnock faz questão de deixar registrada a seguinte impressão pessoal: "A parte o fato de que adorava argumentação filosófica, Austin apreciava piadas, às vezes piadas bobas, pura fantasia burlesca" (Warnock, 1973: 32), apressando-se a acrescentar logo em seguida que ele, Warnock, era um dos poucos que não se incomodava com isso.

Os exemplos do fenômeno sob enfoque estão espalhados nos diversos escritos de Austin. Restringiremos a nossa discussão a Austin (1962/1990) - a obra mais lida e comentada. Logo no início da primeira das doze conferências que compõem a celebrada série de Harvard, o filósofo

lança, gratuitamente, a seguinte farpa contra, quem diria, a sua própria profissão: "...até mesmo nós, os filósofos, estabelecemos certos limites para a quantidade de sentenças sem sentido que estamos dispostos a admitir" (Austin, 1962/1990: 22).

Na conferência seguinte, tem-se um caso curioso da inversão simples e com efeito dramático -- aparentemente, mais uma vez, "a troco de nada" -- de um ditado popular em inglês que diz: "Temos que aprender a correr antes de sabermos andar." (Austin, 1962/1990: 29).

Inesquecível também é a famosa nota de rodapé (Austin, 1962/1990: 122-123) que Austin faz questão de inserir para justificar a seguinte brincadeira que faz no corpo do texto: "... recorrendo ao dicionário (basta um pequeno), animados por espírito liberal, obteremos uma lista de verbos na ordem de 10 à terceira potência." -- brincadeira esta que na verdade vai até o fim do parágrafo onde se lê: "Só levarei os leitores para uma voltinha, ou melhor, para alguns tropeços." (id. *ibid.*). A surpresa maior, no entanto, fica por conta da referida nota de rodapé onde Austin se incumbiu de justificar a vagueza exagerada da estimativa "10 à terceira potência", reivindicando respeitabilidade científica para a formulação imponentemente matemática da locução perifrástica, além de uma vantagem óbvia - a amplitude da margem de manobra que deve poupar-lhe qualquer embaraço futuro (em razão de sua total ignorância no momento sobre o assunto que fatalmente deverá pôr em risco qualquer previsão mais exata).

Diante de tantos momentos de descontração e frivolidade, o dilema do leitor, por sinal inteiramente procedente, é de saber quando é que, enfim, Austin está sendo sério. O leitor atento terá toda a razão se quiser saber, ante à crítica irrestrita que ele desfecha contra a própria atividade de filosofar, até que ponto o próprio Austin seria capaz de jurar que seus próprios enunciados, inclusive aquele mesmo que veicula a crítica, não estariam sujeitos à acusação de pertencerem àquela parcela de non-sense "que estamos dispostos a admitir." (Austin, 1962/1990: 22).

Afinal, é o próprio Austin que, em questão de poucas páginas adiante, vai nos alertar (pouco

importa, a essa altura, perguntar em qual tom -- o de seriedade ou de jocosidade):

Por certo que <as> palavras têm que ser ditas "com seriedade" e de modo a serem levadas "a sério". Embora um tanto vago, isto é bem verdade de modo geral, e é também um importante lugar comum em toda a discussão que envolve um proferimento. Não devo estar, digamos, pilheriando ou escrevendo um poema (Austin, 1962/1990: 27).

Para o leitor insistente que ainda não aprendeu a não deixar sua imaginação correr solta, restam a essa altura, apenas desespero e desalento. Azar dele, se ainda sobrar curiosidade no sentido de procurar saber o porquê das aspas em todas as duas ocorrências da palavra sério.

Dando seguimento ao seu raciocínio, Warnock diz no rastro da observação citada há pouco: "Ele <Austin> não se assemelhava nem de longe a Wittgenstein, tal qual Malcolm <autor do livro Wittgenstein: a Memoir> o descreve, em não gostar de outras pessoas rirem daquilo que ele próprio achasse risível; de fato, não é impossível que Malcolm tenha em mente Austin quando se refere categoricamente, na mesma passagem, ao "tom faceto" que é "típico da discussão filosófica entre pessoas espertas que não têm nenhum objetivo sério" (É possível que Austin não tivesse nenhum "objetivo sério" absolutamente todo o tempo)" (Warnock, 1973: 32)'

O melhor está, pois, ainda por vir. Num outro ensaio também biográfico, é o próprio Warnock (1969) que vai nos relatar o seguinte episódio: certa vez Austin rejeitou terminantemente um tema sugerido para discussão nas famosas sessões informais das "Saturday mornings", sob o argumento de que "todo mundo ia se divertir demasiadamente" (por implicação, a ponto de não estarem em condições de se aprofundar na questão).

O que fazer com o humor de Austin?

2. A solução tradicional

Falar em estilo descontraído, faceto,

brincalhão, humorístico etc. -- como, de fato, fizemos no início deste trabalho -- já sinaliza uma disposição para um certo tipo de resposta que, aliás, conta com todo o peso de respeitabilidade que a longa tradição de Platão em diante lhe confere. Pois, sendo que o humor é visto como um atributo de estilo, algo que diz respeito à "maquiagem" do pensamento, e não ao pensamento propriamente dito, o mesmo deve ser encarado na melhor das hipóteses, como um enfeite, e na pior, como um empecilho -- e, como tal, decididamente não recomendável numa atividade séria como reflexão filosófica, porém perdoável até certo ponto (ou, como diz Austin, respeitadas os "certos limites") em grandes pensadores que, malgrado esse pequeno inconveniente, têm coisas importantes para nos ensinar. Foi nesse espírito que o presente autor disse alhures a respeito dessa mesma questão em discussão: "O leitor desavisado corre o risco de relaxar sua atenção diante desses momentos de aparente indiferença e frivolidade, a ponto de perder de vista questões de suma importância que estão sendo atacadas com tenacidade e agudez" (Rajagopalan, 1990: 226). Ou seja, "indiferença e frivolidade são apenas "aparentes" e em nada afetam a "tenacidade e agudez" do raciocínio, nem tampouco as "questões de suma importância" que estão "sendo atacadas". O espírito norteador dessa postura acha-se muito bem resumido no seguinte comentário recente de Stanley Cavell (1991: 133) que prefiro citar no original:

If professional philosophers were asked whether philosophising demands anything we would think of as a style of writing, their answer, I guess, would waver because their philosophical motivation in writing is less to defend a style than to suppress style or allow it in ornamental doses.

O problema, quando houver, estará na mistura, na adulteração; e a solução, na arte de separar o joio retórico do trigo filosófico, a fim de que se chegue ao ponto ideal em que a quantidade de joio não exceda os limites prescritos, eventualidade em

que, como chegou a perceber Austin no melhor estilo, como se diria por força de hábito (?), de Aristóteles, mesmo um discurso filosófico fica condenado a tornar-se razão "animal e irracional" (!).

Foi exatamente um desequilíbrio exacerbado desse tipo que, na avaliação de Newmeyer (1980), redundou na desgraça e no desmoronamento da assim chamada Semântica Gerativa que teve um grande impacto na lingüística norte-americana na década de 70, estendendo-se até os meados da de 80.

Numa seção desse livro chamada "O estilo da Semântica Gerativa", o autor nos confia que "um ... traço característico da Semântica Gerativa que precipitou a sua queda foi o estilo estapafúrdio que tomou conta de boa parte dos trabalhos escritos nesse arcabouço teórico" (Newmeyer, 1980: 171). O lingüista-historiador nos oferece como evidência em prol de sua tese, títulos de trabalhos acadêmicos como "You take the high node and I'll take the low node", "If you hiss or anything, I'll do it back"; nomes de regras gramaticais como "Q-magic" e "Stuffing"; locuções no decorrer do texto como "It is no longer necessary to assume that instrumental verb formation occurs in one swell foop"; e exemplos produzidos a fim de ilustrar pontos teóricos como "Symbolic logic -- and, by the way, who invented it? -- isn't my cup of Postum". "Tais marcas estilísticas", pondera Newmeyer, "apenas serviram para dar maior credibilidade à acusação de falta de seriedade, à qual ficaram expostos os Semânticos Gerativistas, em razão do seu abandono da tarefa de construir uma teoria formalizada da linguagem." (Newmeyer, 1980: 171-172). E termina sentenciando, com toda a ironia, todo o humor a que tem direito: "De fato, é tentador especular que o estilo semântico gerativo nada mais é do que um clássico exemplo de o conteúdo moldando a forma e dominando-a ao mesmo tempo". (id. *ibid.*)

Como fica Austin nessa estória?

3. Questões não resolvidas

Para a felicidade de Austin, não consta que haja uma campanha de difamação contra a sua filosofia, centrada numa acusação de falta de seriedade (sem querer ocultar o ataque violento de Gellner (1959) que, no entanto, não conseguiu nem de longe

produzir o estrago que se podia esperar, pela quantidade de veneno despejado).

Infelizmente para nós, porém, o assunto não se encerra tão facilmente. Isso porque, no trabalho de Austin, humor faz parte da própria matéria em discussão, da mesma forma que tantos outros temas, alguns dos quais recorrentes na tradição filosófica; é o caso, por exemplo, do conceito de verdade -- sobre o qual ele se debruça detidamente ao longo de páginas e páginas, ocupando boa parte da Conferência XI e parte também da XII. É bem possível que o leitor de Austin se deixe impressionar pela ironia contida na afirmação a seguir, com que ele inicia a série de conferências que tem, como um dos objetivos -- pasmem! -- desnudar o "fetiche" "verdadeiro/falso" (Austin, 1962/1990: 123):

O que tenho a dizer não é difícil, nem polêmico. O único mérito que gostaria de reivindicar para esta exposição é o fato de ser verdadeira pelo menos em parte (Austin, 1962/1990: 21) (ênfase acrescida)

Mas esse mesmo leitor não tem como deixar também de impressionar-se quando Austin, o brincalhão inveterado, insiste em reiterar a necessidade de se concentrar nos casos sérios:

... um proferimento performativo será, digamos, sempre vazio ou nulo de uma maneira peculiar, se dito por um ator no palco, ou se introduzido em um poema, ou falado em um solilóquio etc. (...) Compreensivelmente a linguagem, em tais circunstâncias, não é levada ou usada a sério, mas de uma forma parasitária em relação a seu uso normal, forma esta que se inclui na doutrina do estiolamento da linguagem. (Austin, 1962/1990: 36)

ou, ainda, ao se chegar quase ao fim da série,

... se digo: - "Vá pegar uma estrela cadente", podem ser perfeitamente claros o significado e a força do meu proferimento, mas pode haver dúvidas acerca de qual desses outros tipos de coisas eu possa estar fazendo. Há usos "parasitários" da linguagem <por exemplo, contar piadas, fazer poesia etc>, que não são "tomados a sério", ou "não constituem seu uso normal pleno". Podem estar suspensas as condições normais de referência, ou pode estar ausente qualquer intenção de levar a cabo um ato perlocucionário típico, qualquer tentativa de fazer com que o interlocutor faça algo, como Walt Whitman não incita realmente a águia da liberdade a alçar vôo. (Austin, 1962/1990: 91-92).

Em outras palavras, o que quero sustentar é que compreender a empresa filosófica de Austin acarreta a tomada de uma determinada atitude a respeito de seu humor e de suas piadas, inclusive as "bobas". Isso fica claro quando nos damos conta de que, num caso como o de "prometer insinceramente a um asno dar-lhe uma cenoura" que Austin nos convida a imaginar (Austin, 1962/1990: 37), os detalhes do caso hipotético estão todos sob exame sério. O mesmo não é por certo o que se verifica no caso do enunciado I christen this ship the U.S.S. Credibility Gap (Eu batizo este navio de U.S.S. Falta de Credibilidade) que Ross (1970) nos convida a examinar como exemplo típico de um enunciado performativo. Isso porque, por mais engraçado que sejam ambos os casos, o fato da promessa insincera estar endereçada a um asno tem um papel crucial no primeiro, ao passo que, para os fins específicos do caso, pouco importa quais as palavras escolhidas

para preencher o lugar do complemento predicativo do verbo performativo no segundo. A sensação que se tem é a de que Austin conta sua piada e se diverte, mas ao mesmo tempo não quer que ninguém mais se divirta às suas custas, enquanto que Ross parece acreditar que esteja perfeitamente em ordem que tanto ele como seu leitor se aproveitem das poucas oportunidades de se divertir que surgem num campo de estudos tão sério (acabei de apagar as aspas que eu pus, quase instintivamente, sobre a última palavra) como a Semântica Gerativa (isto é, esquecendo por ora a opinião de Newmeyer a respeito).

Strawson (1964) é um dos primeiros leitores de Austin que não ficou sem perceber a suma importância, para Austin, de suas piadas serem encaradas e entendidas seriamente: "Austin contrasta o que ele chama de uso "normal" ou "sério" da linguagem com aquilo que ele chama de uso "estiolado" ou "parasitário". A sua doutrina de força ilocucionária se refere ao uso normal ou sério da linguagem; e assim será no caso dos meus comentários sobre sua doutrina", declara Strawson (1964: 148), com o ar de quem quer começar o jogo, pondo todas as suas cartas na mesa. Porém, logo em seguida vem a surpresa. "Não estou sugerindo que a distinção entre o uso normal ou sério da linguagem, e os empregos secundários que ele <Austin> chama de "estiolados" ou "parasitários" seja clara o suficiente para não pedir nenhum exame maior; mas assumirei (I shall take it) que haja uma tal distinção a se fazer, e não a examinarei mais aqui." (Para que não se perca mais tempo, talvez valha a pena não insistirmos na pergunta se haveria alguma diferença significativa entre fazer uma assunção e qualquer exercício de "faz-de-conta" do tipo que Strawson, seguindo o conselho de Austin, não hesita em condenar e expulsar como "emprego secundário").

4. A desconstrução do gesto austiniano

Em sua forma mais rigorosa, a desconstrução "se coloca como um lembrete constante dos modos em que a própria linguagem desvia e complica o projeto do filósofo" (Norris, 1982: 19). Puxar o fio solto da questão suscitada pelo humor de Austin significa, como gostaria de sustentar a seguir,

desestruturar todo o simulacro de teoria que o filósofo constrói -- ou faz de conta que contrói -- ao longo de suas doze conferências. "Deixamos numerosas questões em aberto," admite Austin (1962/1990: 121) -- na versão original em inglês se lê loose ends/"fios soltos" (Austin, 1962: 148). "Mas," acrescenta Austin, "depois de um breve resumo, devemos seguir adiante." (id. ibid.). A questão de estiolamento não se configura no que se segue a partir daí. Qualquer conclusão a respeito, portanto, tem de sair por conta do leitor. O leitor brasileiro pode contar com uma excelente orientação fornecida pelo tradutor do livro que anexa a seguinte nota de esclarecimento sobre o termo "estiolamento": "... significa literalmente perda de cor e vitalidade, definhamento, enfraquecimento, e é aplicado por Austin para caracterizar o "enfraquecimento" que um ato de fala sofre ao ser utilizado em um contexto não-literal, de "faz-de-conta", como o teatro, a ficção etc. (N. do T.)" (Austin, 1962/1990: 36).

Uma leitura desconstrutiva das piadas austinianas se dá quando se identifica nelas mesmas o âmago de sua visão da linguagem, trazendo para o centro o que ele tanto quis que fosse posto na margem. Como diz Ryan (1982: 6), "A desconstrução filosófica tipicamente consiste em mostrar como o que uma norma de soberania ou identidade (digamos, de significado) exclui é de fato uma necessidade "interna" daquela norma." O primeiro passo deve ser, portanto, perguntar o porquê de tanta ânsia por parte do filósofo no sentido de condenar e expulsar o humor. A resposta está no fato de que assim que ele dá por bem-empregado o esforço de pôr humor entre parênteses (e, por falar em parênteses, bem ...), Austin vai se dar conta de que o humor, a piada, não era nada senão, o tempo todo, uma possibilidade estrutural do próprio discurso sério. É difícil saber se em algum momento passou pela imaginação tão fértil de Austin a idéia de que se afastar do mundo de faz-de-conta já é um exercício de faz-de-conta; sua desenvoltura incomum no sentido de recorrer ao uso de humor o tempo todo parece indicar que a indagação procede. Nas palavras de Fish (1980: 108), "O que a semântica filosófica e a filosofia dos atos de fala estão nos dizendo é que a linguagem ordinária é extraordinária

porque bem em seu centro está aquele mundo de valores, intenções, e objetivos que freqüentemente se presume ser propriedade exclusiva de "literatura." Contudo, não nos interessa perseguir essa questão, uma vez que não estamos querendo saber como Austin se sai da teia de aranha discursiva em que se encontra repentinamente (cf. Felman, 1980), mas como a lógica inexorável de desconstrução se vinga no texto austiniano.

Referindo-se à Conferência II em que Austin discorre sobre a origem dos fracassos ou das "infelicidades" da enunciação performativa, Derrida observa:

O trâmite de Austin é assaz notável e típico desta tradição filosófica com a qual pretendia ter tão pouco a ver. Consiste em reconhecer que a possibilidade do negativo (aqui, das infelicidades) constitui uma possibilidade estrutural, que o fracasso é um risco essencial das operações consideradas; em seguida, num gesto quase imediatamente simultâneo, em nome de uma espécie de regulação ideal, para excluir o risco como risco accidental, exterior, e nada ensinando sobre o fenômeno de linguagem considerado. Isso é tanto mais curioso, com todo o rigor insustentável, quando Austin denuncia com ironia o "fetiche" da oposição value/fact (Derrida, 1971/1980: 423).

Já tivemos a oportunidade de nos referir a um outro fetiche, o da oposição "verdadeiro/falso", que também está na agenda de Austin, bem como à ironia de tentar denunciá-lo por intermédio de uma exposição que se supõe ser "verdadeira pelo menos em parte".

Uma leitura desconstrutiva de Austin começa flagrando-o na sua entrega à tentação do mesmo pecado, do mesmo fracasso, que ele se revela ansioso para denunciar em outros discursos. A luz

do que vimos, o humor de Austin abre uma excelente brecha para iniciar uma primeira investida.

NOTA

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa financiado pelo CNPq mediante o processo no. 306151/88-0. Meus agradecimentos aos dois pareceristas da Revista D.E.L.T.A..

(Recebido em 02/05/91)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J.L. (1962) *How to Do Things with Words*. Oxford: Claredon Press. (1990) *Quando Dizer é Fazer*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CAVELL, S. (1991) "Aversive thinking: Emersonian representations in Heidegger and Nietzsche". *New Literary History*. Vol 22, no. 1, pp 129-160.
- DERRIDA, J. (1971/1980) "Assinatura acontecimento contexto". Em J. DERRIDA (1980) *Margens da Filosofia*. Lisboa: Rés. pp 401-433.
- FELMAN, S. (1980) *Le Scandale du Corps Parlant, Don Juan avec Austin ou la Séduction en deux Langues*. Paris: Seuil.
- FISH, S. (1980) "How ordinary is ordinary language?". Em S. FISH (1980) *Is There a Text in this Class?* Cambridge, Mass.: Harvard University Press. pp 97-111.
- GELLNER, E. (1959) *Words and Things. An Examination of, and an Attack on, Linguistic Philosophy*. Londres: Routledge and Kegan Paul.
- NEWMeyer, F.J. (1980) *Linguistic Theory in America*. Nova Iorque: Academic Press.
- NORRIS, C. (1982) *Deconstruction: Theory and Practice*. Londres: Methuen.
- RAJAGOPALAN, K. (1990) "Dos dizeres diversos em torno do fazer". *D.E.L.T.A.* vol 6, no. 2, pp 223-254.
- ROSS, J.R. (1990) "On declarative sentences". Em R. JACOBS e P. ROSENBAUM (orgs.) (1970) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, Mass.: Ginn and Co. pp 222-272.
- RYAN, M. (1982) *Marxism and Deconstruction: A Critical Articulation*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.